



## A NECESSIDADE DE DESENVOLVER UM CURRÍCULO CONTEXTUALIZADO

Santos, Helisandra dos Reis <sup>1</sup>  
Santos, Adriana de Sá Passos <sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta a análise de um estudo sobre a necessidade de desenvolver um currículo contextualizado, diante das transformações vividas pela sociedade contemporânea, com o objetivo de analisar a importância do currículo de maneira contextualizada para a promoção da aprendizagem significativa. É uma pesquisa de abordagem qualitativa num estudo de caráter bibliográfico, pautado na leitura de obras de diferentes estudiosos com dimensões pedagógicas e suas propostas para a ação docente no trabalho do professor com a contextualização do conhecimento. A revisão de literatura foi realizada com o intuito de refletir sobre a formação integral dos estudantes com base em um ensino contextualizado relacionado com a realidade vivida. Na conclusão da pesquisa foi possível compreender o currículo como o caminho, o percurso da escola, como espaço construído intencionalmente, perpassando todas as situações do processo de escolarização, que a organização e a efetivação do currículo escolar, são responsáveis para definir que tipo de cidadão se quer formar. A educação é um processo de humanização, pelo qual os seres humanos são inseridos na sociedade, com a capacidade de transformação das realidades sociais.

**Palavras-chave:** Currículo. Contextualização. Prática Pedagógica.

### 1. INTRODUÇÃO

As discussões sobre currículo vêm assumindo importância e ocupando cada vez mais, espaço no campo das pesquisas em educação, neste país. Ao longo do tempo, estudiosos vêm pesquisando o currículo escolar, principalmente com enfoque teórico-metodológico de grande relevância para a superação da fragmentação e contextualização do conhecimento. Do ponto de vista epistemológico o currículo apresenta alta complexidade, pois sua organização é uma condição necessária para promover a formação humana integral.

Desenvolver um currículo contextualizado nas instituições de ensino é uma necessidade no cenário educacional atual. Diante da sociedade contemporânea, com uma educação fragmentada, precisamos buscar a construção do senso crítico dos educandos, estimulando a pesquisa, a descoberta do novo, na construção do

<sup>1</sup>Graduada em Licenciatura em Geografia da Universidade de Pernambuco – UPE. Especialista em Educação, contemporaneidade e novas tecnologias pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção – UAA. [helisandra\\_reis@hotmail.com](mailto:helisandra_reis@hotmail.com)

<sup>2</sup>Graduada em Letras pela Universidade de Pernambuco – UPE. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Vale do Cricaré. Mestranda do curso de Extensão Rural da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. [adriana.sapassos@hotmail.com](mailto:adriana.sapassos@hotmail.com)



conhecimento, para atingir uma aprendizagem significativa. Necessitamos formar cidadãos autônomos e críticos, capazes de interagir e interferir no meio em que estão inseridos. Mas para alcançar um ensino contextualizado, é preciso sair do tradicionalismo, do comodismo, e construir um currículo de acordo com as tendências atuais. Para colocar a teoria em prática, o docente tem papel fundamental no desenvolvimento de uma didática contextualizada, encontrando uma resignificação para ensinar e aprender.

A estrutura curricular hierarquizada no sistema escolar e a formação dos professores fragmentada, muitas vezes acabam tornando difícil a contextualização e a interdisciplinaridade. Para Thiesen (2008, p.545), “quanto ao sentido e à finalidade da interdisciplinaridade: ela busca responder às necessidades de superação da visão fragmentada nos processos de produção e socialização do conhecimento”.

A educação exerce função social para a formação de cidadãos e a socialização de informações na sociedade. Precisamos dar importância ao desenvolvimento de práticas interdisciplinares no currículo escolar, para promover a contextualização do ensino, em consideração as diversidades sociais, econômicas e culturais, na perspectiva de transformação social. Fazenda (2011, p. 75) salienta que, “a possibilidade de situar-se no mundo hoje, compreender e criticar as inúmeras informações que nos agredem cotidianamente, só pode acontecer na superação das barreiras existentes entre as disciplinas”.

Assim os docentes deverão ter conhecimento da importância do currículo não apenas como grade curricular, mas como um processo formador de opinião e identidade do sujeito. Adequa-lo à realidade do aluno para que o mesmo compreenda a importância da sua aprendizagem como um todo. Segundo as Diretrizes Curriculares do Ensino Médio conceitua o currículo como “a proposta de ação educativa constituída pela seleção de conhecimentos construídos pela sociedade, expressando-se por práticas escolares que se desdobram em torno de conhecimentos relevantes e pertinentes, permeadas pelas relações sociais, articulando vivências e saberes dos estudantes e contribuindo para o desenvolvimento de suas identidades e condições cognitivas e sócio-afetivas” (DCNEM, 2012).

Diante das perspectivas mencionadas, essa pesquisa teve como objetivo geral: analisar a importância do currículo de maneira contextualizada para a promoção da aprendizagem significativa. Elencando como objetivos específicos: compreender a importância do currículo; investigar sobre a relevância do currículo contextualizado. É uma pesquisa de abordagem qualitativa num estudo de caráter bibliográfico, pautado na leitura de obras referente à temática.



A revisão de literatura foi realizada com o intuito de refletir sobre a formação integral dos estudantes com base em um ensino contextualizado com a realidade vivida.

## 2. METODOLOGIA

Conforme Lakatos e Marconi (2003, p. 2.019), a justificativa da investigação “consiste numa exposição sucinta, porém completa, das razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tomam importante a realização da pesquisa”.

Nesse sentido, a pesquisa vem refletir sobre essa realidade educacional, onde a contextualização está diretamente envolvida no desenvolvimento pedagógico docente, visto que os alunos se relacionam com uma realidade multidimensional, uma metodologia de ensino que busca abranger o contexto social, cultural, político e histórico, fazendo uso da contextualização como princípios norteados da prática pedagógica docente.

Assim, um dos grandes problemas que os professores se deparam em sala de aula é a falta interesse dos estudantes. Os alunos não conseguem fazer a relação entre os conteúdos e o contexto local, regional e global. Essa ainda é uma realidade no cenário educacional, que dificulta o processo de ensino, gerando a desmotivação no ambiente escolar.

O enfoque metodológico foi o qualitativo, com intuito de investigar a importância da prática docente de maneira contextualizada para a promoção da aprendizagem significativa. Segundo Sampieri et al (2006), a pesquisa qualitativa da profundidade dos dados, a dispersão, a riqueza interpretativa, a contextualização do ambiente, os detalhes e as experiências únicas. Sendo assim esperou-se atingir resultados mais profundos imbuídos na fundamentação teórica e legais.

A pesquisa foi do tipo exploratória, que segundo Gil (2010, p. 27),” a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema com vista a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses”. Completando o que afirma Gil (2006, apud SOUZA, 2008, p. 13) ao afirmar que a pesquisa exploratória “estabelece critérios, métodos e técnicas para elaboração de uma pesquisa e visa oferecer informações sobre o objeto desta e orientar a formulação das hipóteses”.

O modelo da pesquisa é bibliográfica. De acordo com Gil (2010, p.29-31) “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”.

## 3. REFERENCIAL TEÓRICO



### 3.1 Currículo: um olhar na história

Durante toda a história da humanidade a educação esteve voltada para atender as necessidades do mercado econômico. Por esse motivo, o currículo das instituições educacionais se modifica de acordo com o contexto histórico que a sociedade vive. É necessário acompanhar as transformações vividas na sociedade para atender a sua clientela.

No Brasil, a realidade do currículo atual é herdada do contexto histórico. A educação dualista, dividindo o ensino em trajetórias distintas, para diferentes sujeitos. Lembramos por exemplo o ministro Capanema, em 1942, durante a Exposição de Motivos que levaria à reforma educacional e à Lei Orgânica do Ensino Secundário, afirmava: “O ensino secundário, propedêutico, destina-se à formação das elites condutoras”, (apud Silva, 1991), aos demais, ficaria reservado o ensino técnico-profissional. Essa pluralidade contribuiu para a organização do currículo ao longo da história, centrado no acúmulo de informações e no aprendizado mecânico ou para uma atividade de trabalho sendo organizado de forma fragmentada e hierarquizada valorizando algumas áreas de conhecimento em relação às outras.

Os movimentos estudantis na França e na Itália em meados da década de 60 reivindicavam a aproximação da prática com a teoria. Jantsch (1995, p.35) relata que “os estudantes queriam que seus estudos tivessem uma ‘utilidade’, pretendendo assim que estabelecessem um vínculo bem visível entre a ciência e a sociedade”. Eram movimentos que cobrava o desenvolvimento de conhecimento significativo, o fim da reprodução do conhecimento.

Esses movimentos fizeram com que o princípio da contextualização e da interdisciplinaridade fosse incorporado à educação, como proposta de integração, devido à intensa fragmentação disciplinar que caracterizava os currículos de escolas e universidades. Fazenda (1994, p. 18) conta que, “o movimento da interdisciplinaridade surge na Europa, principalmente na França e na Itália, em meados da década de 1960 [...], época em que surgem os movimentos estudantis, reivindicando um novo estatuto de universidades e escolas”.

Segundo Morin (2016, p.42), um dos teóricos francês desse movimento, entende que:

O conhecimento pertinente deve afrontar a complexidade. *Complexus* significa o que é tecido em conjunto; com efeito, existe complexidade desde que sejam inseparáveis os elementos diferentes constituindo um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) e desde que exista tecido interdependente, interativo e inter-retroativo, entre objeto de conhecimento e o seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre elas. A complexidade é desta forma, a ligação entre a unidade e multiplicidade.



A ideia de contextualização no Brasil passou a fazer parte oficialmente da educação com a reforma do ensino médio, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96), que acredita na concepção dos conhecimentos para uso cotidiano. Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que são guias que orientam a escola e os professores na aplicação do novo modelo, estão estruturados sobre dois eixos principais: a interdisciplinaridade e a contextualização.

Hartmann (2007, p. 18) menciona que essa forma de entender e organizar o currículo envolve os dois conceitos que estão intensamente interligados: a interdisciplinaridade e a contextualização. A interdisciplinaridade é uma condição necessária para o estudo de fenômenos sociais, econômicos, culturais e científicos [...], a contextualização é um recurso para estudo desses fenômenos.

A contextualização tem o papel de dar significado ao conhecimento escolar. Transformar o aluno em protagonista da história da humanidade, porque o cidadão tem contribuição e faz parte da construção do conhecimento pois,

Todo conhecimento é socialmente comprometido e não há conhecimento que possa ser aprendido e recriado se não se sabe parte das preocupações que as pessoas detêm. O distanciamento entre os conteúdos programáticos e a experiência dos alunos certamente responde pelo desinteresse e até mesmo pela deserção que constatamos em nossas escolas (BRASIL, 2002 a, p. 22).

A sociedade contemporânea vive a era da informação. O fenômeno da globalização traz os avanços tecnológicos, e as políticas econômicas, forçando novas formas de ser e estar em sociedade e acabam interferindo na prática docente. As novas tendências da sociedade influenciam os sistemas educacionais. Por isso, fala-se tanto em contextualização e interdisciplinaridade que é a consciência da necessidade de um inter-relacionamento explícito e direto entre as disciplinas e fazer do aluno um ser protagonista, trazendo o cotidiano para a sala de aula e aproximando o dia a dia dos alunos do conhecimento científico.

### **3.2 - A necessidade de um currículo contextualizado**

A época da modernidade vivenciou-se a expansão da fragmentação do conhecimento, com as especializações por área de saber. No movimento essencialmente moderno de disciplinarização, assistimos à perda da totalidade para possibilitar o conhecimento. Nesse processo, vão-se criando as diferentes ciências e proliferando-se os novos saberes. Nas escolas,





o processo é reproduzido na dimensão do ensino-aprendizagem, e os currículos mais e mais se especializam, subdividindo-se cada vez mais.

Raramente os alunos conseguem articular o conhecimento que aprendem entre as disciplinas, devido o ensino de maneira fragmentada e compartimentada, como se cada conhecimento fosse armazenado em uma gaveta ou arquivo, distante da história da humanidade. A desarticulação entre as áreas do saber é uma realidade da educação contemporânea, que dificulta o processo de ensino-aprendizagem e a aprendizagem significativa é difícil de ser desenvolvida.

Perante a sociedade em que vivemos, com a velocidade com que as informações circulam, é preciso promover no ambiente educacional a integração curricular, desenvolvendo a interdisciplinaridade e a contextualização dos conteúdos com a realidade vivida.

A experiência concreta da vida dos alunos não fica do lado de fora da escola. Conectar os conteúdos escolares ao interesse dos jovens estudantes pressupõe entendê-los como produtores de discursos, em que selecionam, categorizam e organizam, a partir de suas experiências, todos os enunciados que lhes são dirigidos (Fígaro, 2010, p.27).

Precisamos entender o currículo como campo político-pedagógico, no qual várias relações entre os sujeitos, conhecimento e realidade constroem e reconstruem os novos saberes. Neste processo dinâmico e de diálogo, a realidade é o alicerce sobre o qual o educador e o educando devem construir metodologias de ensino e aprendizagem. A realidade não é um elemento que está fora da prática educativa, é uma ferramenta para despertar a aprendizagem significativa. Currículo e Contextualização são dois elementos que estão associados. Santos (2007, p.40) menciona que “a cultura local, até então ignorada e desprezada pela escola, a partir dessa nova perspectiva construirá fator importante na organização curricular, tendo em vista o processo de busca permanente pelo conhecimento”.

A intenção e a forma como os elementos se inter-relacionam, visualiza o ser humano por completo, dando possibilidade e flexibilidade de compreender as demandas, as necessidades e dificuldades de uma sociedade. Podendo formar cidadãos mais preparados para conviver na atual sociedade, voltado para o desenvolvimento pessoal, levando em consideração os fatores psicológicos, sociais para a efetivação da aprendizagem, pois, a educação não é desinteressada e nem neutra.

Barbero (2011) sintetiza muito bem em três objetivos o papel da escola na atualidade e dá destaque à postura crítica:



[...]. O primeiro desafio é formar recursos humanos, ou seja, abarcar na educação as novas linguagens e saberes que envolvem as novas tecnologias. O segundo objetivo é construir cidadãos com mentalidade crítica e questionadora. A terceira e última obrigação é desenvolver sujeitos autônomos, que escapem da massificação e que sejam “gente livre”: Gente livre significa gente capaz de saber ler a publicidade e entender para que serve, e não gente que deixa massagear o próprio cérebro; gente que seja capaz de distanciar-se da arte que está na moda, dos livros que estão na moda; gente que pense com a própria cabeça e não com as ideias que circulam ao seu redor (BARBERO, 2011, p.134).

A educação é um processo de formação de pessoas, é uma ferramenta de transformação e de intervir na realidade de um indivíduo e do mundo. O ensino é algo sério que precisa ser planejado com qualidade e intencionalidade, para despertar na sociedade as bases necessárias para se construir a ética, a responsabilidade, a criticidade, a tolerância para a evolução dos seres humanos.

Acompanhar a velocidade como as informações circulam, parece evidente que os modos de aprender/ apreender estão se alterando. Por exemplo, as noções de tempo e espaço ganharam outras dinâmicas e, sobretudo, conheceram os fenômenos de aceleração e redução.

Com a informática e as imagens via satélite, com a era do jato e as transmissões online, o tempo e o espaço foram encurtados, criando a sensação de que tudo ficou perto, o outro lado do mundo é logo ali, é possível estar em Tóquio, Paris e Buenos Aires, nos quinze minutos do telejornal. Enfim, tais sensações e percepções, que também se traduzem em novas formas de educação dos sentidos e de aprendizagem, redefinem o olhar, a atenção e os mecanismos de absorção da experiência (CITELLI, 2000, p.32).

No contexto social em que estamos inseridos, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) nos fornece ferramentas importantíssimas para a evolução da educação. Por meio dela é possível ultrapassar barreiras geográficas, reduzindo a distância e ampliando o acesso a informação, dando oportunidade às pessoas a estarem pesquisando e descobrindo o novo, mesmo distante dos centros acadêmicos. Por exemplo, as redes sociais trazem um universo de propostas para a troca e compartilhamento de informações, trazendo a vivência dos educandos para a sala de aula.

Telefone celular, computador, internet e/ou aparelho MP4 são objetos tecnológicos que surgem, constantemente em uma sala de aula proliferando desafios. Então, como lidar com essas cenas? Não é possível fechar os olhos para a cultura digital. É preciso trabalhar a vivência tecnológica no cenário escolar (GARCIA, 2010, p.44).

Mas ainda há uma deficiência significativa no uso das tecnologias pelos professores. A resistência em aceitar o novo e preferir permanecer na zona do comodismo é mais viável, pois adaptar-se ao novo dá trabalho, exige dedicação e tempo para a adequação da prática docente. Esse é um dos desafios citado por Bairon (2004): é preciso que o professor esteja disposto a dialogar com as novas mídias [...]. Ele precisa estar motivado a pesquisar, divulgar e criar



conteúdo utilizando as novas linguagens para se combater o ensino e as práticas tradicionais de ensino que vem sendo perpassadas ao longo dos anos, dentro das escolas.

Segundo Michael Apple:

Há uma relação estreita entre o modo como se organiza a produção da vida em sociedade e o modo como se organiza o currículo, ainda que tal relação não se dê de forma direta, mas é mediada pelos vínculos os quais vão sendo produzidos, construídos, criados na atividade cotidiana das escolas. (Apple, 1982, p.35).

A construção do currículo deve estar em consonância com os sujeitos e o entorno da comunidade escolar para os quais ele destina-se, e em conformidade com as transformações históricas e sociais. A partir da contextualização dos fenômenos naturais e culturais, de sua significação com relação às experiências dos sujeitos, bem como a necessidade de superação das desigualdades humanas e tecnológicas, da ausência de hierarquia entre os saberes, as áreas e as disciplina.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos observar que ao longo de toda a história da humanidade a educação é utilizada como instrumento para direcionar os rumos de uma sociedade através de políticas adotadas. Que a economia de uma nação depende da educação de qualidade para alcançar os melhores resultados econômicos internacionais. Faz-se necessário um alto investimento na educação desde a pré-escola estendendo-se às universidades, as especializações, a formação continuada, para que os frutos sejam colhidos.

A busca pelo conhecimento, a pesquisa, a formação continuada deve ser estimulada para que surjam novas descobertas. A aldeia global em que vivemos na era da informação faz do conhecimento e da inteligência uma fonte para o avanço econômico e não há espaço para o analfabetismo funcional.

Durante essa pesquisa foi possível compreender o currículo como o caminho, o percurso da escola, como espaço construído intencionalmente, perpassando todas as situações do processo de escolarização, indo além da relação entre as disciplinas e sua carga horária. Ele envolve as dimensões da vida escolar e social do educando. Daí a necessidade de dar significado ao conhecimento através da contextualização e da interdisciplinaridade, dialogando os conteúdos com a realidade vivida dos educandos em formação, relacionando-os às dimensões local, regional e global.

Portanto, a organização e a efetivação do currículo escolar, são responsáveis para definir que tipo de cidadão se quer formar. A educação é um processo de humanização, pelo





qual os seres humanos são inseridos na sociedade, com a capacidade de transformação das realidades sociais.

## REFERÊNCIAS

APPLE, M. Ideologia e currículo. Trad. de Carlos Eduardo Ferreira de Carvalho. São Paulo: Brasiliense, 1992.

BARBERO, J. M. Desafios Culturais: Da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; Costa, Maria Cristina Castilho. (Orgs.). Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, pp. 121-134, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Parecer CNE/CEB 05/2011. Disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=12992:diretrizes-para-a-educacaobasica](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12992:diretrizes-para-a-educacaobasica)>. Acesso em: 25/09/2015

CITELLI, A. O. Meios de comunicação e práticas escolares. In: Comunicação & Educação. São Paulo: CCA/ECA/USP, v. 6, n. 17, pp. 30-36, jan./abr, 2000.

FAZENDA, I. C. A. .Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro. 6ª Ed.São Paulo: Loyola, 2011.

FÍGARO,R. Comunicação/educação: campo de ressignificação das tecnologias de comunicação. In: Comunicação & Educação. São Paulo: CCA/ECA/USP, ano XV, n. 3, pp. 7-15, set./dez, 2010.

GIL, A.C. Como elaborar projeto de pesquisa. 5. Ed. São Paulo: atlas, 2010.

Gil, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social 6º ed. São Paulo: atlas, 2008.

GONZALES. J. E.T. FERNANDES, A.H & CAMARGO, C. de B.(2014). Aspectos Fundamentais da Pesquisa Científica. Editora MarbenAssuncion, Paraguay, 2014.

JANTSCH, E. Interdisciplinaridade: os sonhos e a realidade. Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, nº121, pp.29-42, abr.-jun, 1995.

LAKATOS, E. M & Marconi, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2003.

MORIM, E. Os sete saberes necessário à *educação* do futuro. São Paulo: Cortez, 2016.

THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. Revista Brasileira de Educação, SãoPaulo, v. 13, n. 39, 545-598, 2008.

SANTOS, V.P.Interdisciplinaridade na sala de aula. São Paulo: Loyola, 2007.



**Educação como (re)Existência:  
mudanças, conscientização e  
conhecimentos.**

15, 16 e 17 de outubro de 2020

Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL